

## AS LÍNGUAS DE SINAIS SÃO LÍNGUAS NATURAIS?

## ARE SIGNED LANGUAGES NATURAL LANGUAGES?

Tradução para a libras: <https://youtu.be/Nt7dhcMosrE>

Lucas Gomes Albuquerque<sup>1</sup>

André Nogueira Xavier<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná

**Resumo:** O presente texto objetiva responder à pergunta “as línguas de sinais são línguas naturais?” à luz do artigo seminal “*The Origin of Speech*” de Charles Hockett, publicado em 1960. Nesse artigo, Hockett lista e explica 13 traços arquitetônicos (*design features*) que considera como definidores das línguas naturais e, conseqüentemente, diferenciadores destas de outras formas de comunicação. Como se verá, a maior parte dos traços arquitetônicos propostos por Hockett, embora originalmente pensados apenas para as línguas faladas, é observada nas línguas de sinais. Os traços arquitetônicos incompatíveis com as línguas de sinais são o canal oro-auditivo, dado que as línguas de sinais se manifestam através da modalidade gestual-visual, e a arbitrariedade do signo linguístico, uma vez que as línguas sinalizadas são mais icônicas que as línguas orais. Esses traços são revistos em um trabalho publicado em 1978 pelo mesmo autor intitulado “*In Search of Jove’s Brow*”. Nele, Hockett relata que se inteirou do trabalho de Stokoe (1960) e que, a partir dele, se convenceu de que as línguas de sinais são línguas naturais. Como consequência disso, Hockett altera a formulação do traço relativo ao canal de manifestação linguística, incluindo a modalidade gestual-visual, e do traço relacionado à arbitrariedade do signo linguístico, reconhecendo que a maior iconicidade das línguas sinalizadas decorre justamente da modalidade em que são produzidas. À luz desses trabalhos, a resposta para a pergunta que intitula o presente texto é sim: as línguas de sinais são línguas naturais, uma vez que compartilham com as línguas faladas os mesmos traços arquitetônicos, com destaque à dupla articulação, considerado o traço por excelência.

**Palavras-chave:** línguas de sinais; traços arquitetônicos; línguas naturais.

**Abstract:** The present text aims to answer the question “are sign languages natural languages?” in the light of Charles Hockett’s seminal article “*The Origin of Speech*”, published in 1960. In this paper, Hockett lists and explains 13 design features that he considers as defining natural languages and, consequently, differentiating them from other forms of communication. As will be seen, most of the design features proposed by Hockett, although originally thought only for spoken languages, are observed in sign languages. The design features incompatible with sign languages are the oral-auditory channel, given that sign languages are manifested through the gestural-visual modality, and the arbitrariness of the linguistic sign, since signed languages are more iconic than spoken languages. These features were reviewed in a work published in 1978 by the same author entitled “*In Search of Jove’s Brow*”. In this paper, Hockett reports that he became aware of the work of Stokoe (1960) and that it convinced him that sign languages are natural languages. As a consequence, Hockett changes the formulation of the feature related to the channel of linguistic manifestation, including the gestural-visual modality, and of the feature related to the arbitrariness of the linguistic sign, recognizing that the greater iconicity of signed languages stems precisely from the modality in which they are produced. In the light of these works, the answer to the question that entitles this article is yes: sign languages are natural languages, since they share the same design features with spoken languages, with emphasis on duality of patterning, considered the design feature par excellence.

**Keywords:** sign languages; design features; natural languages.

---

<sup>1</sup> Licenciado em letras libras pela Universidade Federal do Paraná; tradutor-intérprete de libras/português da SEED-PR. E-mail: [lucasquerque@outlook.com](mailto:lucasquerque@outlook.com).

<sup>2</sup> Professor doutor do curso de licenciatura em letras libras da Universidade Federal do Paraná. E-mail: [andrexavier@ufpr.br](mailto:andrexavier@ufpr.br).

Submetido em 15 de maio de 2022.

Aprovado em 29 de agosto de 2022.

## 1. Introdução

Uma das características que distinguem a nós, humanos, de outras espécies é a nossa capacidade de nos comunicar através de sistemas linguísticos altamente complexos. As línguas, segundo Hockett (1960), apesar de compartilharem alguns de seus aspectos com formas de comunicação animal, particularizam-se pela presença de propriedades que lhes são exclusivas. O autor demonstra isso cotejando os sistemas linguísticos com os sistemas de comunicação de outras espécies com base em 13 traços arquitetônicos (Figura 1). Apesar de reconhecer o viés linguístico desses traços e defender sua universalidade entre as línguas, ele sustenta que ainda assim eles podem ser tomados como base para a comparação entre diferentes formas de comunicação independentemente de serem humanas.

Figura 1. Traços arquitetônicos das línguas naturais segundo Hockett (1960)



Fonte: traduzido de Hockett (1960, p. 7)

À luz desses 13 traços arquitetônicos, as línguas humanas podem ser caracterizadas como (1) sistemas de comunicação que se valem do canal oro-auditivo para (2) sua transmissão e percepção<sup>3</sup>; (3) evanescentes<sup>4</sup>, pois os sons da fala se propagam e se dissipam no espaço e no tempo<sup>5</sup>; e (4) intercambiáveis, dado que qualquer falante pode reproduzir qualquer mensagem que ele tenha ouvido e compreendido<sup>6</sup>. Além disso, as línguas contam com o (5) *feedback* total, ou seja, a possibilidade de o falante perceber a sua própria produção linguística no ato da comunicação e, com isso, monitorá-la e repará-la se preciso<sup>7</sup>; (6) são especializadas, ou seja, primariamente talhadas para a comunicação<sup>8</sup>, e (7) exibem semanticidade, que diz respeito ao fato de que operam com unidades que têm significados relativamente estáveis a ponto de contrastarem com outras (e.g.: ‘sal’ e ‘pimenta’ significam coisas diferentes)<sup>9</sup>. Por fim, as línguas se caracterizam como (8) arbitrárias<sup>10</sup>, ou seja, constituídas de palavras cuja forma não é motivada pelo significado que expressa (e.g.: a palavra ‘sal’ não é perceptivelmente sentida como salgada ou granular; a palavra ‘baleia’ é pequena, ou seja, é constituída de menos material fonológico, para o animal que designa, ao contrário da palavra ‘microorganismo’ que é fonologicamente menos extensa); (9) discretas, isto é, operam com categorias com limites definidos<sup>11</sup>; (10)

<sup>3</sup> Hockett vê o uso desse canal como uma vantagem para a espécie humana, uma vez que libera as mãos e o restante do corpo para executar outras tarefas durante a comunicação verbal.

<sup>4</sup> Dessa forma, diferentemente de Saussure (1916 [1999]), Hockett não distingue língua enquanto sistema e a fala enquanto instanciação do sistema, porque o sistema enquanto tal não é evanescente.

<sup>5</sup> O desenvolvimento da escrita, de acordo com Hockett, permitiu tornar as mensagens linguísticas mais perenes. Apesar disso, ela segue como uma forma secundária de manifestação linguística.

<sup>6</sup> Esse traço, de acordo com Hockett, inexistente entre os peixes da espécie esgana-gata, por exemplo. Em seu ritual de acasalamento, o macho executa movimentos para atrair a fêmea que não podem ser reproduzidos por ela.

<sup>7</sup> Segundo Hockett, esta propriedade não está presente, por exemplo, na comunicação dos esgana-gatas. Embora, para atrair a fêmea o macho tenha a coloração de seu abdômen alterada, ele não tem acesso visual a ela.

<sup>8</sup> Hockett contrasta este traço com uma manifestação sonora produzida por cães enquanto ofegam. Segundo o autor, embora esse som possa comunicar a outros cachorros a localização e mesmo o estado do cão ofegante, ele não foi intencionalmente produzido com essa finalidade. Na verdade, ele resulta e/ou é parte do processo biológico que tem como função primária controlar a temperatura corporal do animal.

<sup>9</sup> De acordo com Hockett, a semanticidade não é exclusiva das línguas, pois pode ser observada, por exemplo, nas vocalizações dos gibões.

<sup>10</sup> A dança das abelhas não apresenta essa propriedade, uma vez que a inclinação do abdômen é motivada pela direção da fonte de alimento e a maior ou menor velocidade da dança indica, respectivamente, a proximidade ou a distância dessa fonte.

<sup>11</sup> Hockett contrasta a discretude linguística com a gradiência observada na elevação da voz para indicar raiva ou no seu abaixamento para indicar confidencialidade. Ele faz o mesmo com a dança das abelhas, que também não pode ser segmentada em unidades discretas.

podem ser usadas para se referir a tempos e espaços diferentes daqueles do momento da enunciação (deslocamento)<sup>12</sup>; (11) produtivas<sup>13</sup>, ou seja, permitem a recombinação de suas unidades para expressar novos significados; (12) transmitidas pela tradição<sup>14</sup> e (13) duplamente articuladas.

Este último traço, ou seja, a dupla articulação, segundo Hockett (1960), é tido como o traço linguístico por excelência. Ele se refere ao fato de as unidades linguísticas poderem ser segmentadas em dois níveis: o das unidades significativas ou morfêmicas e o das que formam essas unidades, isto é, o das distintivas ou fonêmicas que, embora não possuam significado isoladamente, são capazes de distinguir uma unidade significativa da outra. Podemos ilustrar isso em português com a palavra ‘ratos’. Tal palavra é segmentável em termos de duas unidades significativas: {rato} ‘roedor’ e {-s} ‘plural’. A primeira, por sua vez, pode ser decomposta em unidades menores, a saber, /r/a/t/o/. Tais unidades não significam nada isoladamente, porém podem distinguir tal unidade significativa de outras como, por exemplo, ‘pato’, ‘gato’.

Como indica a Figura 2, Hockett acredita que nove dos 13 traços arquitetônicos que caracterizam as línguas já estavam disponíveis na forma de comunicação dos homínídeos e que as línguas humanas se diferenciam pelo desenvolvimento do deslocamento, da produtividade, da transmissão pela tradição e da dupla articulação. Dessa forma, como se pode depreender da Figura 3, as línguas, embora se diferenciem de outros sistemas de comunicação por apresentarem todos os 13 traços arquitetônicos propostos por Hockett, compartilham com eles, em maior ou menor quantidade, esses mesmos traços.


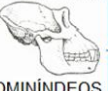


---

<sup>12</sup>Segundo Hockett, o deslocamento é um traço quase exclusivo das línguas. Entre as poucas exceções está a comunicação das abelhas, através da qual se transmitem informações relativas à fonte de alimento identificada em um tempo e espaço diferentes daqueles em que a dança é realizada.

<sup>13</sup>Com base na produtividade, Hockett caracteriza as línguas como sistemas abertos e as contrapõe a outros como as vocalizações dos gibões que, além de se constituírem de um inventário muito menor, representam um sistema fechado, ou seja, que não admitem acréscimos.

<sup>14</sup>As convenções de qualquer língua são transmitidas extrageneticamente pela aprendizagem e pelo ensino (HOCKETT, 1960, p. 6).

Figura 2. Presença dos traços arquitetônicos por categoria de seres vivos

 HOMEM	Deslocamento Produtividade Transmissão tradicional Dupla articulação
 HOMINÍDEOS	Discritude
 PRIMATAS	Especialização Semanticidade Arbitrariedade
 MAMÍFEROS	Transmissão e recepção Intercambiabilidade Evanescência Feedback total Canal oro-auditivo

Fonte: adaptado e traduzido de Hockett (1960, p. 9)

Figura 3. Comparação entre diferentes sistemas de comunicação com base nos 13 traços arquitetônicos empregados por Hockett (1960) para diferenciar as línguas

	A	B	C	D	E	F	G	H
	ALGUNS GRILLOS AUDITIVA, NÃO VOCAI	DANÇA DAS ABELHAS	ACASALAMENTO DO ESGANA-GATA	WESTERN MEADOWLARK	VOCALIZAÇÕES DOS GIBÊES	FENÔMENOS PARALINGÜÍSTICOS	LÍNGUA	MÚSICA INSTRUMENTAL AUDITIVA, NÃO VOCAI
1 Canal oro-auditivo	AUDITIVA, NÃO VOCAI	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	MÚSICA INSTRUMENTAL AUDITIVA, NÃO VOCAI
2 Transmissão e recepção	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
3 Evanescência	SIM, REPETIDO	?	?	SIM	SIM, REPETIDO	SIM	SIM	SIM
4 Intercambiabilidade	LIMITADO	LIMITADO	NÃO	?	SIM	LARGAMENTE	SIM	?
5 Feedback total	SIM	?	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
6 Especialização	SIM?	?	EM PARTE	SIM?	SIM	SIM?	SIM	SIM
7 Semanticidade	NÃO?	SIM	NÃO	EM PARTE?	SIM	SIM?	SIM	NÃO (EM GERAL)
8 Arbitrariedade	?	NÃO		SE SEMÂNTICO: SIM	SIM	EM PARTE	SIM	
9 Discritude	SIM?	NÃO	?	?	SIM	LARGAMENTE NÃO	SIM	EM PARTE
10 Deslocamento		SIM, SEMPRE		?	NÃO	EM PARTE	SIM, SEMPRE	
11 Produtividade	NÃO	SIM	NÃO	?	NÃO	SIM	SIM	SIM
12 Transmissão tradicional	NÃO?	PROVAVELMENTE NÃO	NÃO?	?	?	SIM	SIM	SIM
13 Dupla articulação	?(TRIVAL)	NÃO		?	NÃO	NÃO	SIM	

Fonte: adaptado e traduzido de Hockett (1960, p. 10)

## 2. As línguas de sinais e os traços arquitetônicos de Hockett (1960)

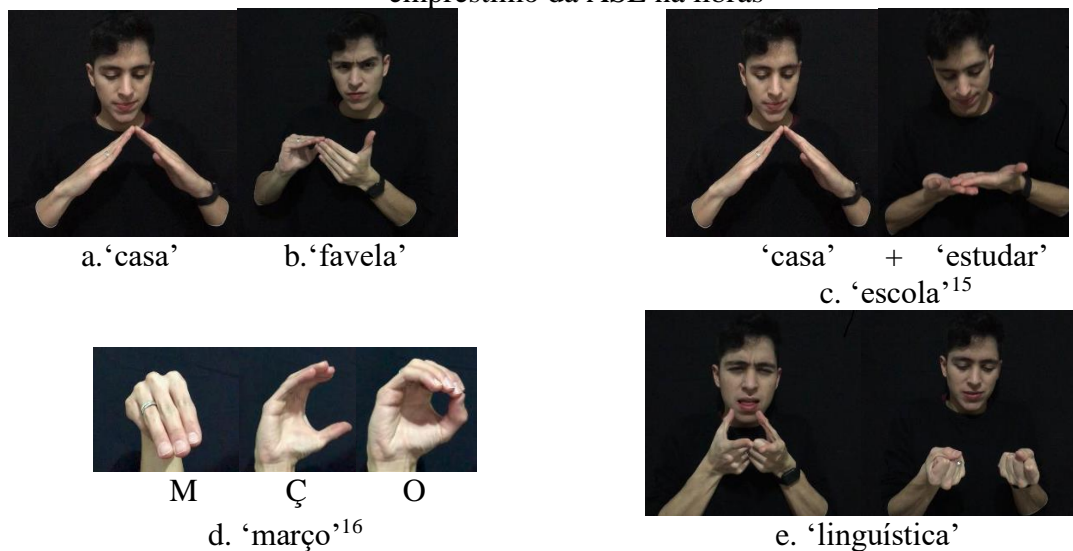
A forma como Hockett (1960) descreve os traços (1) canal oro-auditivo, (2) transmissão e recepção, (3) evanescência, (5) *feedback* total e (8) arbitrariedade revela que sua concepção de línguas humanas se restringia às línguas orais, uma vez que em todas essas descrições o autor não dissocia língua de som. Entretanto, em publicação posterior, após ter tido contato principalmente com o trabalho de Stokoe (1960), Hockett se diz convencido de que as línguas humanas podem se manifestar através de

outro canal e, com isso, reconhece que a língua de sinais americana, ASL (do inglês *American Sign Language*), e, por extensão, as línguas sinalizadas são, de fato, línguas naturais (HOCKETT, 1978). Nessa publicação, o autor argumenta que as línguas de sinais compartilham a maioria dos traços arquitetônicos por ele propostos para as línguas naturais, reconhecendo, no entanto, diferenças resultantes da sua modalidade de produção e percepção.

Com base em Meier (2012), podemos separar os traços arquitetônicos propostos por Hockett (1960) em duas categorias: (i) amodais, ou seja, independentes da modalidade em que as línguas se manifestam, e (ii) aqueles que sofrem efeitos da modalidade de produção e percepção. Entre os primeiros, estão (3) a evanescência, (4) a intercambiabilidade, (6) especialização, (7) semanticidade, (9) discretude, (10) deslocamento, (11) a produtividade (12) a transmissão cultural e (13) a dupla articulação.

Em relação à evanescência, Hockett (1978) comenta que, semelhantemente ao que ocorre em línguas faladas, o material fonético das mensagens em línguas de sinais desaparecem logo depois de produzidas. Já no que diz respeito à produtividade, Meier (2012) menciona que as línguas de sinais também dispõem de mecanismos de expansão lexical, tal como as línguas orais. Elas podem, por exemplo, derivar novas palavras a partir de palavras já existentes (cf. o sinal da libras que significa ‘favela’, Figura 4b, formado a partir da mudanças no movimento e das expressões faciais do sinal que significa ‘casa’, Figura 4a), ou criar novas palavras a partir da junção ou composição de dois ou mais morfemas lexicais (cf. o sinal da libras que significa ‘escola’, formado a partir dos sinais que significam ‘casa’, Figura 4a, e ‘estudar’, Figura 4b). Além disso, as línguas de sinais também podem expandir seu léxico emprestando palavras de outras línguas, tanto das faladas (cf. o sinal da libras que significa ‘março’, oriundo da soletração manual da palavra correspondente em português, Figura 4c) quanto de outras sinalizadas (cf. o sinal usado na libras para ‘linguística’, oriundo da ASL, Figura 4e).

Figura 4. Exemplos de (a) derivação, (b) composição, (c) empréstimo do português e (d) empréstimo da ASL na libras



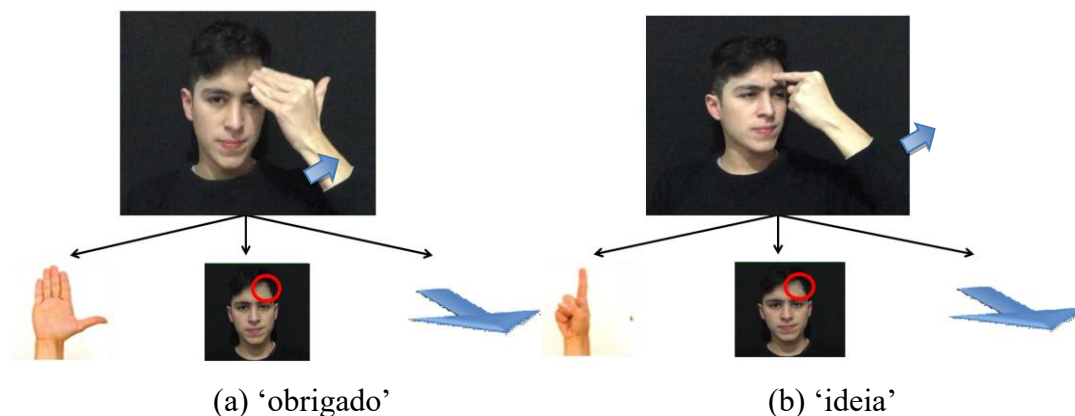
Fonte: elaborada pelos autores

Ao tratar da dupla articulação na ASL, Hockett (1978) faz referência ao trabalho de William Stokoe. Stokoe (1960) foi o primeiro linguista a defender que as línguas de sinais são línguas naturais por compartilharem com as línguas orais os mesmos princípios estruturais e demonstrar que línguas sinalizadas são duplamente articuladas, ou seja, também podem ser segmentadas em termos de unidades significativas ou morfêmicas e estas, por sua vez, em termos de unidades distintivas ou fonêmicas. Podemos ilustrar a análise de Stokoe com os sinais da libras que significam 'obrigado' (Figura 5a) e 'ideia' (Figura 5b). Como as setas pretas sugerem, tais sinais, ou seja, tais unidades significativas, são formadas por unidades menores, a saber, a configuração de mão, o lugar onde o sinal é feito e movimento realizado pela mão. Além disso, assim como nas línguas orais, essas unidades não significam nada isoladamente, porém, podem distinguir uma unidade significativa de outra. Observem que embora os sinais em questão apresentem a mesma localização, lateral da testa, e o mesmo movimento, reto e para frente, diferenciam-se um do outro unicamente por serem produzidos com configurações de mão diferente.

<sup>15</sup> Quando empregados os separadamente, os sinais CASA e ESTUDAR são realizados, geralmente, com dois toques. No composto, observa-se em ambos os sinais uma redução de dois para um toque.

<sup>16</sup> Este sinal se originou da soletração manual completa, ou seja, representação de todas as letras, da palavra 'março' do português. Atualmente, a soletração é parcial, apresentando apenas as letras M, Ç e O.

Figura 5. Ilustração da dupla articulação com sinais da libras



Fonte: criada pelos autores

Entre os traços arquitetônicos que sofrem efeitos de modalidade estão (1) o canal, (2) a transmissão e a recepção, (5) o *feedback* total e (8) a arbitrariedade. Conforme explica Meier (2012), uma das diferenças marcantes entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas está na forma como elas são produzidas e percebidas. A articulação da fala está intimamente acoplada à respiração, por meio da qual se cria uma pressão de ar subglotal, responsável pela abertura e fechamento periódico das pregas vocais. Dessa forma, cria-se uma fonte sonora, que é modificada pelos articuladores do trato vocal. Os articuladores ativos envolvidos na produção da fala são o lábio inferior, a língua e o véu palatino. Os articuladores passivos são lábio superior, dentes incisivos superiores, alvéolo, palato duro, véu palatino e úvula. Diferentemente, a sinalização envolve, como articuladores ativos, principalmente as mãos, mas pode envolver também a cabeça, as sobrancelhas, as pálpebras, as bochechas, o nariz, os lábios, os dentes inferiores e os ombros<sup>17</sup>. Como articuladores passivos, a sinalização abrange localizações no corpo, na mão não dominante e no espaço em frente ao corpo. As diferentes naturezas dos articuladores – os articuladores das línguas sinalizadas são maiores e mais massivos – têm como principal consequência a ocorrência de uma taxa de elocução, número de palavras por segundo, menor na sinalização em comparação à fala (KLIMA; BELLUGI, 1979). Já o maior número de articuladores ativos e passivos

<sup>17</sup> Esses articuladores são ativos, quando o sinalizante, respectivamente, gira a cabeça, franze as sobrancelhas, infla ou suga as bochechas, move o nariz, os lábios, os dentes inferiores e os ombros.



nessas mesmas línguas tem como consequência a exibição de inventários fonológicos muito maiores do que os observados nas línguas faladas<sup>18</sup>.

Em relação à percepção, ainda com base em Meier (2012), observa-se que as línguas faladas e as línguas sinalizadas contrastam entre si em razão de nas primeiras os articuladores serem, em sua maioria, ocultos, e, conseqüentemente, a compreensão da fala, em grande medida, se pautar no sinal acústico, produzido pelos movimentos dos articuladores e transmitido por meio de ondas sonoras que se propagam pelo ar. Isso permite, inclusive, que a comunicação ocorra mesmo quando o falante não está no campo visual de seu interlocutor. Nas línguas de sinais, os articuladores, diferentemente, podem ser vistos e, como tal, constituem objeto de percepção para a compreensão da sinalização. Como consequência, o interlocutor precisa ter o sinalizante em seu campo visual, para que os movimentos dos articuladores, transmitidos pela reflexão da luz de uma fonte luminosa externa, sejam percebidos.

O *feedback* total também é afetado pela modalidade de produção e percepção linguísticas. Segundo Hockett (1978), o sinalizante vê seus movimentos de um ângulo diferente e não vê alguns dos movimentos que produz, principalmente os gestos faciais. Meier (2012) complementa dizendo que a disponibilidade para *feedback* visual varia em função do tipo de sinal. Sinais articulados em regiões altas da face ou no topo da cabeça, por exemplo, não podem ser vistos pelo sinalizantes. Já sinais feitos na frente do corpo do sinalizantes têm como fonte de *feedback* visual a visão periférica, dado que raramente os sinalizantes olham para suas mãos enquanto sinalizam. Apesar disso, Meier sustenta, com base em pesquisas realizadas com sinalizantes cegos, que a propriocepção deva ser a forma principal de *feedback* para os sinalizantes sobre sua produção.

Por fim, a arbitrariedade parece ser, na visão de Hockett (1978), o traço arquitetônico mais sensível à modalidade de produção e percepção. Ele considera que sua manifestação em maior grau nas línguas orais em comparação às línguas de sinais, marcadamente mais icônicas, resulte de uma limitação das primeiras em representar um

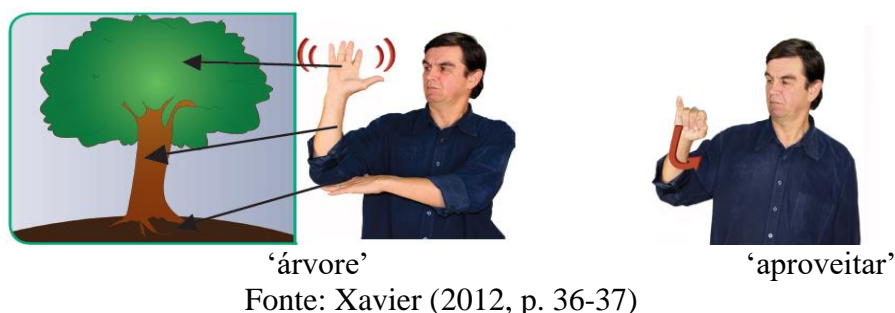
---

<sup>18</sup> Maddison (2013), com base em um conjunto de 563 línguas orais, reporta que inventários consonantais muito grandes são menos frequentes. Além disso, ele reporta que o número máximo de consoantes no conjunto de línguas considerado é de 122, quantidade atestada na língua rotokas, falada na Papua Nova Guiné. Esse número parece ser pequeno se considerarmos todos os valores que as configurações de mão, pontos de articulação e movimentos, além das expressões não manuais podem apresentar em uma língua de sinais.

elemento tridimensional da vida através da fala, que é unidimensional. Hockett diz ainda que nessa forma de representação “a maior parte da iconicidade é necessariamente espremida”, tornando, por exemplo, “em uma projeção unidimensional, um elefante (...) indistinguível de um depósito de madeira” (HOCKETT, 1978, p. 275, tradução nossa)<sup>19</sup>. Sendo assim, o autor conclui chamando a atenção para o fato de que “a tridimensionalidade da sinalização é a mesma da própria vida” e que, portanto “seria estúpido [por parte das línguas de sinais] não recorrer à realização de desenhos no ar, à pantomima ou ao apontamento, quando conveniente” (HOCKETT, 1978, p. 274-275, tradução nossa)<sup>20</sup>. Ele lembra que mesmo os falantes fazem isso, por exemplo, quando usam a palavra ‘lá’ que, embora indique distância relativa, não indica direcionalidade, informação que é normalmente suplementada por um gesto de apontamento<sup>21</sup>.

Embora sejam altamente icônicas, é preciso esclarecer, primeiramente, que as línguas de sinais não o são 100% das vezes (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007). Muitas palavras nessas línguas são como a que significa ‘árvore’ na libras (Figura 6a). Entretanto, há também palavras arbitrárias, ou seja, palavras cuja forma não parece remeter a aspectos de seu significado (cf. o sinal que significa ‘aproveitar’ em libras)<sup>22</sup>.

Figura 6. Exemplo de sinal icônico e arbitrário na libras



Fonte: Xavier (2012, p. 36-37)

<sup>19</sup> “most iconicity is necessarily squeezed out. In one-dimensional projection, an elephant is indistinguishable from a woodshed”.

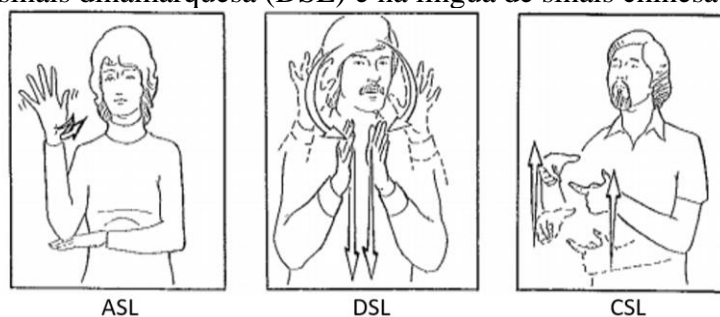
<sup>20</sup> No original: “Indeed, the dimensionality of signing is the same of life itself and it would be stupid not to resort to picturing, pantomiming or pointing whenever convenient”.

<sup>21</sup> É importante dizer que a fala, quando tomada em seu sentido multimodal, também é multidimensional. Essa não parece ser a visão de Hockett, no entanto.

<sup>22</sup> Concordamos, no entanto, com Bolinger e Sears (1981) quando afirmam que basicamente tudo tem uma origem não arbitrária nas línguas. Assim como no caso das palavras das línguas orais, acreditamos que uma análise etimológica desse sinal possa desvendar sua motivação original. No caso das línguas de sinais e de outras línguas ágrafas, no entanto, esse tipo de análise fica comprometido, por falta de registros históricos.

Em segundo lugar, o fato de as línguas de sinais serem icônicas não as torna universais (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007). Em um mesmo país, mais de uma língua de sinais pode ser encontrada e, embora todas elas possam fazer uso de um sinal icônico para representar um mesmo significado, isso não quer dizer que elas elegerão exatamente os mesmos aspectos. Como mostram as imagens na Figura 7, enquanto na ASL, assim como na libras, o sinal representa a copa, o tronco e o solo da árvore, na língua de sinais dinamarquesa, DSL (do inglês *Danish Sign Language*), traça-se o contorno da copa e do tronco, deixando-se o solo de fora, e na língua de sinais chinesa, CSL (do inglês *Chinese Sign Language*), faz-se menção apenas ao tronco.

Figura 7. Sinais que significam ‘árvore’ na língua de sinais americana, ASL, na língua de sinais dinamarquesa (DSL) e na língua de sinais chinesa (CSL)



Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 21)

Tal fato se assemelha ao que é observado nas onomatopeias, palavras icônicas que imitam sons, por exemplo, de animais. Como se pode depreender da Figura 8, apesar de se observarem semelhanças translinguísticas, assim como entre os sinais que significam ‘árvore’ acima, cada língua representa o carcarejar do galo de uma forma diferente.

Figura 8. Onomatopeias em diferentes línguas faladas para representar o carcarejar do galo



Fonte: traduzido de <https://chapmangamo.tumblr.com/image/60472156997>

Johnston e Schembri(2007) apresentam duas outras propriedades que consideram universais nas línguas naturais e que, portanto, também são observadas nas línguas de sinais. São elas a gramaticalidade e a reflexividade. A primeira diz respeito à existência de regras que determinam o que é possível (gramatical) e o que não é (agramatical) em uma determinada língua. A segunda se refere à possibilidade de usarmos a língua para falar dela mesma. Essa propriedade, também conhecida como função metalinguística, não é atestada, por exemplo, na comunicação das abelhas, no ritual de acasalamento dos esgana-gatas ou ainda nas vocalizações dos gibões.

### 3. Considerações finais

Este artigo objetivou, a partir dos trabalhos de Hockett (1960, 1978) demonstrar que as línguas sinalizadas são línguas naturais. Precisamente, com base nos 13 traços arquitetônicos originalmente propostos pelo referido autor para diferenciar as línguas humanas de outras formas de comunicação, argumentamos que as línguas de sinais se assemelham às línguas faladas e, conseqüentemente, devem ter seu *status* linguístico reconhecido. Reforçamos isso fazendo menção ao trabalho pioneiro e seminal de Stokoe (1960) que demonstrou que a ASL e, por extensão, as línguas de sinais são duplamente articuladas, ou seja, apresentam o traço arquitetônico por excelência das línguas naturais.

Além das semelhanças, com base em Hockett (1978) e Meier (2012), chamamos a atenção para as diferenças entre línguas faladas e sinalizadas em função de suas distintas modalidades de produção e percepção. Vimos que a iconicidade, por exemplo, não é aparentemente tão presente nas línguas faladas em função da sua unidimensionalidade. Em contraste com essas línguas, línguas de sinais compartilham, nas palavras de Hockett (1978), a mesma tridimensionalidade da vida, logo naturalmente se valem da realização de desenhos no ar, de pantomima e de apontamentos, marcadamente icônicos.

### **Agradecimentos**

Agradecemos ao CNPq pelo financiamento da IC do primeiro autor de agosto de 2021 a junho de 2022. Agradecemos também ao parecerista anônimo pela leitura cuidadosa e pelas valiosas observações que fez acerca de nosso manuscrito. Erros remanescentes são de nossa inteira responsabilidade.

### **Referências**

BOLINGER, D.; SEARS, D. A. *Aspects of language*. New York: Harcourt Brace Jovanovich. Chicago, 1981.

HOCKETT, C. F. In Search of Jove's Brow. *American Speech*, v.53, n. 4, p. 243–313, 1978.

HOCKETT, C. F. The Origin of Speech. *Scientific American*, v.203, p. 88–111, 1960.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. *Australian Sign Language (Auslan): An introduction to sign language linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

MADDIESON, I. Consonant Inventories. In: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (Eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em <http://wals.info/chapter/1>. Acessado em 07 Jul 2021.

MEIER, R. P. Language and modality. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). *Sign Language: An International Handbook*, Berlin, Boston: Berlin: De Gruyter Mouton, 2012, p. 574-601.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. 1999. São Paulo: Cultrix, 279.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. *Studies in Linguistics: Occasional Papers*, v. 8, 1960.

XAVIER, A. N. *Libras*. São Paulo: UNICID, 2012.